



Manuel Lúcio
Gomes
Rodrigues

Nota: as difíceis circunstâncias de saúde de Lúcio Rodrigues tornaram a comunicação difícil e apenas o empenho e boa vontade de Luis Pinheiro (seu genro) e de Elsa Rodrigues (sua mulher) permitiram a sua descodificação, apesar do manifesto entusiasmo e boa vontade do entrevistado. Por razões óbvias apenas se divulga um clip (sem áudio) relativo a esta entrevista.

Pouco tempo depois desta entrevista, em 20 de Julho de 2006, Lúcio Rodrigues faleceu.

Nasci em Vieira de Leiria, em Leiria, em 1928.

Em meados dos anos 40, tinha eu 17 anos, vim trabalhar para Oliveira de Azeméis, para uma serralharia do meu irmão. Tinha a 4ª classe feita.

Vim trabalhar para a fábrica de moldes de vidros e de plásticos do meu irmão mais velho, Elísio Gomes Rodrigues, que tinha a firma Rodrigues, Carvalho & Cª Lda. O meu irmão já tinha então estado na Marinha Grande, onde trabalhou para várias empresas, incluindo a Aníbal Abrantes, e veio para cá para trabalhar com o António Santos, que era sócio do Aníbal Abrantes e com quem trabalhou algum tempo (pouco).

RODRIGUES, CARVALHO &
Cª Lda.

Depois estabeleceu-se sozinho e abriu uma oficina, com um sócio capitalista cá de Oliveira de Azeméis, que tinha outros negócios. A firma chegou a ter mais de vinte pessoas.

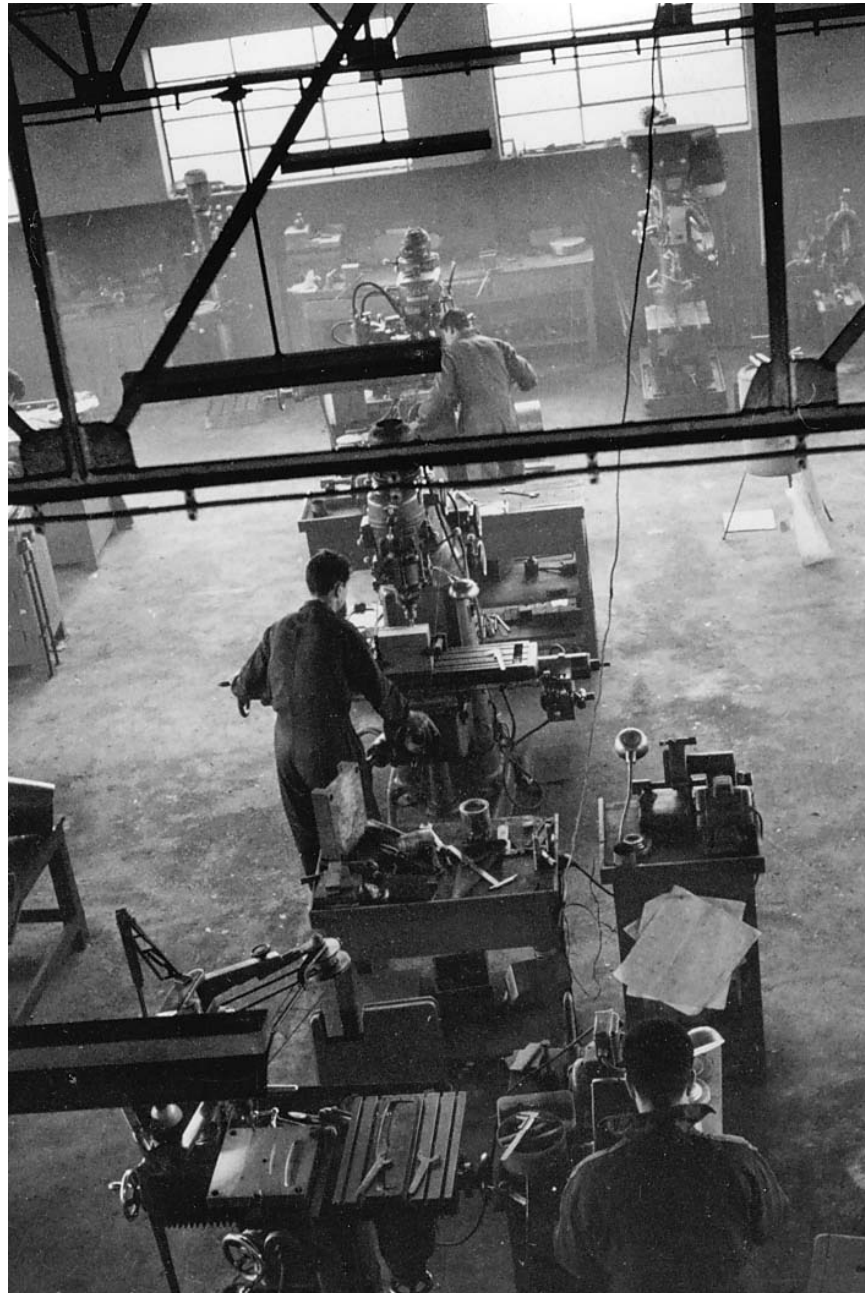
O meu irmão tinha 28 anos, mas morreu e a firma só durou dois anos. Fazia também moldes para vidro, para as empresas da Marinha Grande.

Eu vim para aqui ainda a fábrica estava no seu início. Trabalhei lá durante dois anos, mas entretanto o meu irmão morreu e a fábrica encerrou.

Vim trabalhar para a fábrica de moldes de vidros e de plásticos do meu irmão mais velho, Elísio Gomes Rodrigues, que tinha a firma Rodrigues, Carvalho & C^a Lda.

CENTRO VULCANO Eu fui então trabalhar para o Centro Vulcano, do Sr. Mateiro, como serralheiro, para trabalho á mão. Tinha 19 anos. Estive lá quatro anos.

Á noite fazia em casa espingardas de 9 mm para vender e ganhar mais algum dinheiro. Claro que não era legal. Mas eu era caçador e comprava os canos já feitos



numa fábrica. Fazia também a parte de madeira. Ainda tenho uma dessas espingardas.

No Centro Vidreiro faziam-se moldes para vidro, mas também alguns moldes para plástico.

Mais tarde voltei para a Marinha Grande, depois de me casar pedi trabalho ao Aníbal Abrantes e por lá fiquei dois anos. O meu objectivo era aprender a arte para me estabelecer depois.

ANÍBAL H. ABRANTES



Aprendi muito, trabalhei com o Costa, e com o Matos, e com o Fernando Vicente (da Somema), que depois foram industriais de moldes. O Henrique Neto era desenhador na Aníbal H. Abrantes. A empresa tinha então cerca de 70 a 80 pessoas e vivia-se lá um bom ambiente. Lá. Trabalhei sempre na bancada e fui ensinado pelos mais velhos.

Fazíamos moldes de brinquedos, embalagens, alguns copos (mas pouco), para exportação.

Em 1955 voltei para Oliveira de Azeméis, para me estabelecer juntamente com o Sr. Joaquim Landeau, como sócio. Formamos a Moldoplástico

MOLDOPLÁSTICO

Os nossos primeiros clientes foram a Sá Alves (de Espinho) e uma fábrica de plásticos em Guimarães (Xavier & Cª).



Á noite fazia em casa espingardas de 9 mm para vender e ganhar mais algum dinheiro. Claro que não era legal. Ainda tenho uma dessas espingardas.



Antes do 25 de Abril exportamos o género de moldes para os Estados Unidos e para Inglaterra, em especial através do snr. Lacey. Começamos a fazer desenhos com a exportação. Antes de termos um desenhador (o Manuel), mandávamos fazer os desenhos fora, a desenhadores que trabalhavam em casa.

METALOURA A Metaloura era uma empresa bastante importante nos moldes. Começou depois da Moldoplástico. Não tive muitas relações com a Metaloura. Ficava perto do posto da Guarda.

CEFAMOL Estive presente nos primeiros Congressos de Moldes. Fui sócio da Cefamol, tínhamos boas relações com as empresas da Marinha Grande, mas não tínhamos relações comerciais. Cada um trabalhava por si.